

## CURADORIA DE INFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO DE RECURSOS PEDAGÓGICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

### INFORMATION CURATION IN THE PRODUCTION OF PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING RESOURCES WITH ARTIFICIAL INTELLIGENCE

Francisco Cleyton de Oliveira Paes<sup>1</sup>  
Manuel Alexandre Silva Cândido<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar o papel da curadoria de informações na elaboração de recursos pedagógicos mediados por inteligência artificial, com foco na produção de recursos para o ensino de Língua Portuguesa. Como aporte teórico, recorreremos a Bakhtin (2016), pois o enunciado concreto é situado no espaço-tempo, atravessado por vozes sociais, ideologias e intencionalidades, o que exige responsividade ativa do sujeito que o recebe, assim como a Volóchinov (2018), além disso, aos postulados dos multiletramentos do Grupo de Nova Londres como apresenta Rojo e Barbosa (2015). Vale ressaltar que, embora as ferramentas de IA generativa ofereçam praticidade e inovação na criação de conteúdos, elas apresentam limitações quanto à veracidade das informações, à adequação pedagógica dos materiais produzidos e à ausência de intencionalidade educativa consciente. Por isso, faz-se necessária uma postura crítica do professor, sobretudo, ao criar seus recursos por meio dela. Como caminho metodológico, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, fundamentada em estudos sobre dialogismo, autoria, letramento informacional, ética digital e multiletramentos, destacando o professor como agente central no processo de validação, recontextualização e adaptação crítica das produções automatizadas. Para tanto, realiza-se uma análise documental de exemplos de recursos gerados por IA, com identificação de falhas conceituais, estruturais e discursivas que poderiam comprometer o processo de ensino e aprendizagem caso não fossem devidamente curadas. Por fim, os resultados evidenciam que a mediação humana, sustentada pelo domínio teórico-metodológico, pela escuta ativa e pelo olhar pedagógico do docente, é essencial para assegurar a qualidade, a coerência e a pertinência dos materiais utilizados em sala de aula.

**Palavras-chave:** autoria docente; dialogismo; curadoria digital; letramento crítico; inteligência artificial.

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. Professor efetivo na Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Membro do Grupos de Estudos em Representações, Linguagem e Trabalho - GERLIT-UFC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4192107033739605>, ORCID: 0000-0001-9868-2940. E-mail: cleytonpaeslp@gmail.com.

<sup>2</sup> Especialista em Linguagens pela Universidade Federal do Piauí. Professor efetivo na Secretaria de Educação de Itapipoca-CE, empreendedor na Ajuda com as Letras e autor de livros literários e didáticos. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3027267539094278>, ORCID: 0000-0001-9909-7073. E-mail: acandido447@gmail.com.

**Abstract:** This article aims to analyze the role of information curation in the development of pedagogical resources mediated by artificial intelligence, focusing on the production of resources for teaching Portuguese. As a theoretical contribution, we draw on Bakhtin (2016), because the concrete utterance is situated in space-time, crossed by social voices, ideologies and intentionalities, which requires active responsiveness from the subject who receives it, as well as Volóchinov (2018), in addition to the New London Group's multilearning postulates as presented by Rojo and Barbosa (2015). It is worth noting that although generative AI tools offer practicality and innovation in content creation, they have limitations in terms of the veracity of the information, the pedagogical suitability of the materials produced and the lack of conscious educational intent. For this reason, it is necessary for teachers to adopt a critical stance, especially when creating their resources using it. As a methodological approach, the research adopts a qualitative, exploratory approach, based on studies on dialogism, authorship, information literacy, digital ethics and multilearning, highlighting the teacher as a central agent in the process of validation, recontextualization and critical adaptation of automated productions. To this end, a documentary analysis of examples of AI-generated resources is carried out, identifying conceptual, structural and discursive flaws that could compromise the teaching and learning process if they are not properly cured. Finally, the results show that human mediation, supported by the teacher's theoretical-methodological mastery, active listening and pedagogical eye, is essential to ensure the quality, coherence and relevance of the materials used in the classroom.

**Keywords:** teaching authorship; dialogism; digital curation; critical literacy; artificial intelligence.

## Introdução

O avanço das tecnologias digitais e, em especial, o desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial (IA) generativa têm provocado profundas transformações nos modos de produção e circulação de discursos no contexto educacional. Modelos de linguagem como o ChatGPT, por exemplo, passaram a oferecer aos docentes um repertório vasto de textos, atividades, explicações e materiais prontos, gerados em poucos segundos a partir de comandos. No ensino de Língua Portuguesa, essa realidade inaugura novas possibilidades para o planejamento pedagógico, especialmente na criação de recursos voltados ao desenvolvimento das práticas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística/semiótica, conforme propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Contudo, o potencial dessas ferramentas não se realiza de forma automática: a produção textual mediada por IA carrega consigo limites, riscos e contradições que demandam um olhar crítico e fundamentado por parte do professor. E perguntas surgem desse encontro entre o docente e a IA: qual é o papel do professor? De quem é a autoria? Como o professor pode agir diante das informações apresentadas pela IA?

Diante de tais questionamentos, selecionamos como uma questão principal: qual é o papel do docente diante do conteúdo gerado pela IA? À luz da Análise Dialógica do Discurso, que tem como base as ideias do círculo de Mikhail Bakhtin, compreende-se que

todo texto é um enunciado concreto construído na relação com outros discursos, num movimento contínuo de interação, resposta e posicionamento. Logo, não há neutralidade ou isolamento na linguagem: todo dizer é atravessado por vozes, ideologias e intencionalidades. No caso da inteligência artificial, os enunciados gerados por algoritmos resultam de grandes bases de dados e de cálculos estatísticos, mas não carregam, por si, consciência discursiva nem responsabilidade ética. Ainda que em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação a linguagem esteja presente (Volóchinov, 2018). Por isso, os textos produzidos por IA não estão isentos de falhas, distorções ou marcas ideológicas — ao contrário, requerem leitura atenta, validação crítica e ressignificação pedagógica.

Nesse cenário, o professor não pode agir como mero receptor passivo das respostas automatizadas, mas sim como sujeito responsivo e autor, capaz de estabelecer um diálogo ativo com os materiais gerados pela IA. Com isso, a curadoria de informações configura-se, assim, como uma prática discursiva essencial: selecionar, adaptar, reescrever e validar os conteúdos gerados são ações que asseguram a qualidade pedagógica dos recursos e a preservação da autoria docente como eixo ético, epistemológico e ideológico da prática educativa. Trata-se de um gesto de responsividade à materialidade discursiva oferecida pela máquina, sustentado pelo domínio do campo de atuação, pela intencionalidade pedagógica e pelo compromisso com a formação crítica dos estudantes.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir o papel da curadoria de informações na produção de recursos pedagógicos para o ensino de Língua Portuguesa com o auxílio de ferramentas de inteligência artificial, ancorando-se nos pressupostos da Análise Dialógica do Discurso. Parte-se da compreensão de que o professor, ao assumir a curadoria, não apenas valida tecnicamente os materiais, mas intervém no processo discursivo, reposiciona vozes, confere sentido aos enunciados e resguarda o caráter formativo, ético e crítico do ensino. Assim, mais do que refletir sobre as potencialidades das novas tecnologias, pretende-se evidenciar a centralidade da ação docente enquanto prática de autoria e responsividade na era das inteligências artificiais.

Portanto, a relevância deste trabalho reside na necessidade urgente de se repensar o papel do professor diante de tecnologias que tendem a seduzir pelo imediatismo, mas

que, sem mediação crítica, podem comprometer a qualidade do processo educativo. Em um cenário de crescente dependência de soluções automatizadas, refletir sobre o uso responsável da IA na produção de recursos pedagógicos é contribuir para a valorização da autoria docente, para o fortalecimento dos letramentos críticos e para a formação de sujeitos capazes de dialogar com os múltiplos discursos que atravessam a contemporaneidade escolar. Ao defender a curadoria como prática discursiva e ética<sup>3</sup>, este estudo propõe uma via de resistência e reumanização do fazer pedagógico, reafirmando o papel do educador como agente ativo na construção do conhecimento.

### **Dialogismo, autoria e curadoria na certificação das informações**

Ao discutir a produção de recursos pedagógicos mediados por inteligência artificial, é indispensável compreender o discurso não como algo pronto ou neutro, mas como uma construção situada no espaço e no tempo, atravessada por vozes, posições e intencionalidades. A Análise Dialógica do Discurso, que tem como premissa as noções do círculo de Bakhtin, fornece as bases para essa compreensão, ao afirmar que todo enunciado se dá na relação com outros enunciados, em um processo contínuo de interação e resposta. Conforme Fiorin (2017, p. 24), “o enunciado é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado, o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos”. Portanto, essa relação entre os enunciados é o que torna a linguagem dialógica.

Isso evidencia, pois, que qualquer produção textual carrega uma historicidade discursiva que precisa ser considerada. Pois para Bakhtin (2016, p. 11 e 12):

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...].

Então, conforme Bakhtin (2016), a interação entre os sujeitos ocorre por meio dos gêneros do discurso. Os gêneros, por sua vez, integram os campos da atividade humana,

---

<sup>3</sup> A ética é formada por princípios como o respeito, a justiça e a beneficência, que permeiam a reflexão sobre a moralidade e a atitude. Nesse sentido, esse conjunto de princípios apresenta normas que regulam a conduta e garantem o bem-estar do indivíduo na sociedade (Da Silva et al., 2018). Em face do exposto, entendemos o caráter ético do docente, nesse contexto, como aquele que reconhece a colaboração da Inteligência Artificial e assume uma postura de responsabilidade em relação ao conteúdo gerado por ela, propondo, inclusive, alterações naquilo que receber como resposta ao *prompt*.

em muitas esferas comunicativas e são organizados por eles. Vale dizer que Bakhtin (2016) apresenta a ideia de gênero fundamentada em três pilares: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Na contemporaneidade, compreendemos que o enunciado se dá além de oral e escrito, como algo multissemiótico. E com o surgimento de IA generativas, esse conceito se ampliou ainda mais, cabendo, então, novas discussões a respeito da compreensão sobre o uso da língua no cotidiano. Nesse sentido, as produções geradas por IA, embora formalmente organizadas e linguisticamente corretas, não podem ser aceitas como verdadeiras sem uma leitura responsiva e interventiva, cabe ao sujeito a dimensão axiológica da linguagem, julgar se o que fora apresentado é verdadeiro, está correto, se precisa de correções.

Vale ressaltar que esses textos, por serem fruto de um processamento estatístico de grandes bases de dados, não possuem uma intencionalidade formativa consciente, tampouco compromisso com a certificação da veracidade das informações que apresentam. Com base em Volóchinov (2018), compreendemos que a IA funciona como um instrumento privado de significação, entretanto, ao ser solicitada por um sujeito, passa a ser um signo ideológico. Suas produções textuais são, portanto, enunciados que pedem a atuação de uma outra voz — a do professor — para validar, adaptar e posicionar criticamente o conteúdo no contexto educativo.

Em consonância com Zandwais (2016, p. 109), baseado nas condições de produção da obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirma-se que

[...] o modo como a palavra se inscreve em uma ou outra ordem histórico-simbólica, a partir daí se dota de valores, significando diferentemente em cada época, em cada espaço social, em cada modo de produção, em cada espaço institucional, refletindo ou refratando determinadas realidades que, por serem heterogêneas, multifacetadas, não podem ser apreendidas como um todo. Todo signo, portanto, está sujeito à avaliação. Todo signo possui uma função responsivo em relação às formas de “compreensão” da ordem do real. E é essa função responsiva que o torna polissêmico.

Por isso, no mundo da vida moderna, em que o ser humano interage com as máquinas, ou melhor, com as IA, os signos que surgem dessa relação precisam ser eivados de valor e de significação que só podem ser carregadas pelos seres humanos nos processos de interação social. O sujeito em contato com a IA cria um comando (*prompt*) e recebe de volta uma resposta elaborada de acordo com o que foi solicitado, cabe a esse

indivíduo analisar o que lhe fora entregue, atribuindo-lhe valores sociais ou descartando-o. Por conseguinte, esse sujeito responsivo é o responsável pela dotação de valores e significados do que lhe é fornecido pela IA.

Assim sendo, essa necessidade de certificação conecta-se diretamente com o conceito de curadoria, compreendida aqui como o ato de selecionar, interpretar e validar informações, assumindo uma postura ativa diante das produções discursivas (Rojo; Barbosa, 2015). Segundo Rojo e Moura (2012), no âmbito dos multiletramentos e das práticas pedagógicas contemporâneas, o docente precisa ser letrado criticamente para interagir de maneira ética e reflexiva com os diversos textos que circulam, especialmente em ambientes digitais. Isso inclui reconhecer que nem toda informação disponível é automaticamente autêntica ou confiável, exigindo, por conseguinte, processos criteriosos de verificação, análise de fontes e adequação ao projeto pedagógico.

Ao realizar uma curadoria, cabe ao professor pensar e refletir, por exemplo: “O que é uma educação apropriada para mulheres, para indígenas, para imigrantes em geral? O que é apropriado para todos no contexto de fatores de diversidade local e conectividade global cada vez mais críticos?” (New London Group, 2006 [1996], p. 10 *apud* Rojo; Barbosa, 2015, p. 132). Pensar sobre o que é apropriado para o seu grupo de alunos, tal como sugere o Grupo de Nova Londres ao refletirem sobre a diversidade de culturas e de sujeitos que procuram a escola. Logo, ao professor, cabe o papel de analisar criticamente os conteúdos gerados pela IA, adaptando ao seu público e corrigindo distorções.

A curadoria, sob esse prisma, não se limita à escolha de materiais, mas configura-se como uma prática de autoria, na medida em que o professor imprime sua marca, sua leitura de mundo e sua intencionalidade formativa ao decidir o que utilizar, como adaptar e o que rejeitar. Autoria, nesse contexto, não é apenas criar do zero, mas também escolher com consciência, justificar pedagogicamente as escolhas e responder eticamente ao que se apresenta.

Por autoria, baseado em Bakhtin (2016), compreendemos que o sujeito ao escolher um gênero para a produção do enunciado imprime seu posicionamento axiológico, concretizando, com isso, seu projeto de dizer. Logo, o professor, ao analisar criticamente o recurso pedagógico gerado pela IA, corrigindo-o e adaptando-o à sua realidade, age como autor desse enunciado, pois “todo texto tem um sujeito, um autor (falante, ou quem

escreve)” (Bakhtin, 2016, p. 72). Ou seja, o professor elabora e envia um comando para a IA que devolve para este sujeito uma seleção de informações organizadas de modo a atender o que lhe tinha sido solicitado. Cabe então ao docente, a leitura e análise crítica desse conteúdo.

Além disso, a certificação das informações implica o desenvolvimento de competências de letramento informacional, conceito que, segundo a UNESCO (Wilson *et al.*, 2013), abrange a capacidade de localizar, avaliar e usar informações de maneira eficaz, ética e crítica. O professor, ao agir como curador, mobiliza essas competências, pois precisa compreender o que está sendo dito e investigar a origem, a lógica de construção e a pertinência de cada conteúdo.

Nesse processo, a curadoria se torna um ato de resistência contra a automatização acrítica e contra a naturalização de discursos prontos, reafirmando o lugar do professor como sujeito responsável pela mediação pedagógica. A produção de recursos pedagógicos, portanto, não pode prescindir da autenticidade das informações e da certificação de sua correção, pois tais elementos são constitutivos de uma prática educativa ética, crítica e formadora de sujeitos aptos a dialogar com os múltiplos discursos do mundo contemporâneo.

No campo da produção de materiais pedagógicos, sobretudo aqueles mediados por tecnologias digitais, o conceito de autoria adquire uma dimensão ampliada. A autoria, nesse contexto, envolve a capacidade de dialogar com discursos preexistentes, (re)configurá-los e atribuir-lhes novas finalidades pedagógicas. Essa concepção dialoga diretamente com a proposta bakhtiniana de que toda palavra é sempre palavra de alguém, e, assim, está carregada de intenções e valores sociais. Isso significa que, mesmo quando um texto é gerado automaticamente por uma IA, ele carrega marcas de discursos humanos anteriores, os quais precisam ser interpretados e, muitas vezes, redimensionados para fins educativos.

Diante disso, cabe ao professor o papel de agente de letramento<sup>4</sup> e

Ser agente de letramento, em nossa concepção, é ser mediador, é estimular a participação de todos os envolvidos no processo, é ensaiar outras formas de ensinar e, acima de tudo, se permitir também aprender. Além disso, o agente de letramento deve saber lidar com **os letramentos**

---

<sup>4</sup> O termo agente de letramento foi cunhado por Angela Kleiman e foi usado por Kersch e Rabello em um capítulo de livro. O termo se refere a um conjunto de comportamentos e capacidades do professor relacionados ao planejamento de atividades para uso em sala de aula.

**múltiplos**, em função da diversidade linguística, cultural e social que caracterizam a sala de aula na atualidade (Kersch; Rabello, 2016, p. 51, grifos adicionados).

O docente deve saber lidar com os letramentos múltiplos exigidos pelo mundo moderno, não basta apenas pedir a uma IA para gerar uma atividade, é necessário que o docente aja como um curador da informação, validando-a ou não, corrigindo-a, intervindo de fato, agindo como autor do enunciador também.

Nesse cenário, a prática docente de curadoria não pode ser compreendida como uma atividade mecânica ou meramente operacional. A seleção criteriosa de informações, a análise das intenções subjacentes e a verificação da consistência das fontes demandam do professor uma postura ativa, fundamentada em princípios éticos e epistemológicos. O gesto de curar um conteúdo não se limita a verificar sua correção linguística ou factual, mas envolve compreender em que medida aquele material contribui para a formação crítica dos estudantes, respeita a diversidade sociocultural da turma e está alinhado aos objetivos de aprendizagem previstos no planejamento pedagógico.

Por fim, é preciso destacar que a certificação das informações não é uma etapa secundária ou complementar, mas constitutiva do próprio processo de produção de recursos pedagógicos. Em um tempo em que a desinformação circula com rapidez, potencializada pelas próprias tecnologias digitais, validar as fontes, conferir a autenticidade dos dados e garantir a integridade dos conceitos torna-se uma dimensão ética da prática docente. Nesse sentido, a curadoria emerge como uma necessidade técnica e um posicionamento político e pedagógico, reafirmando a docência como uma prática intencional e situada, atenta aos desafios contemporâneos e comprometida com a formação de sujeitos críticos, reflexivos, conforme aponta Bakhtin.

### **Recursos pedagógicos gerados por IA: discursos em disputa**

A crescente utilização de ferramentas de inteligência artificial na produção de materiais didáticos tem permitido a professores o acesso imediato a conteúdos diversos: questões de múltipla escolha, planos de aula, explicações de conceitos e até sequências didáticas completas. Em muitos casos, esses textos apresentam uma aparência de completude, organização e adequação linguística que pode seduzir até mesmo o olhar

mais experiente. No entanto, essa superfície bem-acabada nem sempre reflete um conteúdo conceitualmente sólido, epistemologicamente rigoroso ou pedagogicamente válido. É justamente nesse ponto que o olhar curatorial do professor precisa ser acionado — não como um ato de correção superficial, mas como um gesto de leitura crítica, de escuta ativa e de responsabilidade discursiva.

Para exemplificar, considere a geração automatizada de uma questão de interpretação textual a partir de um poema. Uma IA generativa pode propor, por exemplo, a seguinte pergunta: “Qual é o tema do poema?”, oferecendo quatro alternativas que, embora gramaticalmente corretas, são vagas, genéricas ou não dialogam com a intencionalidade poética do texto. Além disso, é comum que a IA formule enunciados baseados em inferências simplificadas ou em interpretações unívocas, desconsiderando as múltiplas camadas de sentido próprias da linguagem literária. A depender do gênero textual, esse tipo de abordagem pode comprometer gravemente a leitura crítica e o exercício da ambiguidade, tão caros à formação leitora.

Em outro exemplo, ao solicitar à IA a elaboração de um plano de aula sobre pronomes pessoais, é possível obter um texto didaticamente estruturado, com objetivos, atividades e até formas de avaliação. No entanto, ao analisarmos esse conteúdo com maior rigor, observamos a ausência de contextualização linguística, a falta de articulação com situações reais de uso da linguagem e, não raro, a reprodução de explicações normativas desatualizadas, distanciadas das diretrizes da BNCC ou das práticas contemporâneas de ensino. A IA, nesse caso, opera por recombinação de padrões que circulam amplamente na internet — muitos deles cristalizados, fragmentários e ideologicamente marcados por uma visão prescritivista da gramática.

Esses exemplos evidenciam que os discursos gerados por IA não são neutros: eles reproduzem vozes, saberes e ideologias que já circulam socialmente, muitas vezes sem filtros ou mediações. Assim, o professor que opta por utilizar tais materiais sem realizar uma leitura responsiva corre o risco de reforçar concepções reducionistas de linguagem, esvaziar o potencial crítico dos textos e comprometer a intencionalidade pedagógica de sua prática. É nesse cenário que a curadoria se afirma como um ato autoral e ético: ao adaptar, corrigir, reescrever ou até rejeitar determinadas propostas automatizadas, o professor se posiciona diante dos sentidos oferecidos, reafirma seu papel como sujeito

discursivo e garante que o conteúdo esteja alinhado às demandas formativas dos estudantes.

A curadoria, portanto, não se limita à tarefa de “ajustar” tecnicamente um material. Ela implica questionar: Que discurso este material está promovendo? Que sujeito ele pressupõe? Que visão de linguagem e de mundo está sendo veiculada? Ao assumir essa postura interrogativa, o docente transforma o recurso gerado por IA em um objeto de ensino dialogado, reconstruindo o texto à luz de suas intenções formativas, do perfil de sua turma e das exigências do mundo contemporâneo. Agora, é hora de fazer uma análise mais específica - atividades desenvolvidas com o ChatGPT, da OPEN AI (versão GPT-4o).

### **Exemplo 1 — Questão objetiva sobre pronomes pessoais**

Comando usado: Elabore uma questão de múltipla escolha sobre pronomes pessoais para alunos do 8º ano, alinhada à BNCC.

Questão gerada pela IA:

Leia a frase:

“Nós estudamos muito para a prova de Língua Portuguesa.”

O pronome destacado “nós” é classificado como:

- A) Pronome pessoal do caso oblíquo.
- B) Pronome pessoal do caso reto.
- C) Pronome possessivo.
- D) Pronome demonstrativo.

### **Exemplo 2 — Plano de aula sobre o gênero notícia**

Comando usado: Crie um plano de aula sobre o gênero notícia para turmas do 9º ano, incluindo objetivos, atividades e formas de avaliação.

Plano de aula gerado pela IA (trecho):

Objetivo: Compreender a estrutura e as características da notícia.

Atividade principal: Cada aluno deverá escrever uma notícia fictícia sobre um acontecimento recente de sua cidade.

Avaliação: Correção da notícia com foco nas regras gramaticais.

**Exemplo 3 — Atividade de interpretação textual (notícia sobre mudanças climáticas)**

Comando usado: Desenvolva uma atividade de interpretação textual a partir de uma notícia sobre mudanças climáticas.

Atividade gerada pela IA:

Leia o trecho abaixo:

“As temperaturas globais bateram recordes em 2023, segundo estudo da Organização Meteorológica Mundial.”

Pergunta: Qual é a principal ideia desse trecho?

- A) O clima mundial nunca mais será o mesmo.
- B) A Organização Meteorológica Mundial é contra o aquecimento global.
- C) As temperaturas globais aumentaram em 2023.
- D) Não houve mudanças climáticas em 2023.

**Exemplo 4 — Atividade de gramática sobre conjunções**

Comando usado: Gere uma atividade reflexiva sobre esta habilidade da BNCC: (EF09LP08) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas e subordinativas estabelecem entre as orações que conectam.

Atividade proposta pela IA:

Leia as frases a seguir:

“Ele corre todos os dias porque quer melhorar sua saúde.”

“Embora estivesse cansado, continuou estudando para a prova.”

“Você pode ir ao cinema ou ficar em casa lendo um livro.”

“Estudamos bastante, mas a prova estava difícil.”

Agora, responda:

- a) Qual é a conjunção presente em cada frase?
- b) Que tipo de relação cada conjunção estabelece entre as orações?
- c) Reescreva uma das frases, trocando a conjunção por outra que estabeleça uma relação diferente, e explique como o sentido da frase mudou.

### Exemplo 5 — Sequência didática sobre coesão e coerência

Comando usado: Sugira uma sequência didática para o ensino de coesão e coerência textual no ensino fundamental II.

Sequência gerada pela IA (trecho):

Aula 1: Introdução aos conceitos de coesão e coerência com apresentação de exemplos.

Aula 2: Atividade de reescrita de parágrafos para melhorar a coesão.

Aula 3: Produção de um pequeno texto narrativo, aplicando os conceitos trabalhados.

Como parte da análise documental proposta neste estudo, foram selecionados exemplos de recursos pedagógicos gerados por inteligência artificial com base em comandos alinhados aos objetos de conhecimento previstos para o ensino de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental. A análise foi orientada pelas categorias previamente definidas: veracidade da informação, adequação pedagógica, consistência estrutural, responsividade ideológica e necessidade de curadoria.

**Quadro 1.** Análise do exemplo 1 - Questão objetiva sobre pronomes pessoais.

RECURSO	Questão objetiva sobre pronomes pessoais
VERACIDADE DA INFORMAÇÃO	Veracidade correta: “nós” é pronome pessoal do caso reto.
ADEQUAÇÃO PEDAGÓGICA	BNCC prevê análise crítica do gênero, intenções, público-alvo, linguagem. Não contemplado.
CONSISTÊNCIA ESTRUTURAL	Estrutura clara, porém sem relação com situações comunicativas.
RESPONSIVIDADE IDEOLÓGICA	Reduz a gramática a uma lista de classificações.
NECESSIDADE DE CURADORIA	Inserir contexto: “Em qual situação usamos ‘nós’ em vez de ‘a gente’? Qual a diferença de sentido entre as formas?” Propor exemplos em discursos reais.

Fonte: Os autores (2025).

A análise do Quadro 1, que trata da atividade gerada a partir do *prompt* “Elabore uma questão de múltipla escolha sobre pronomes pessoais para alunos do 8º ano, alinhada à BNCC”, revela uma limitação importante no material produzido pela IA: embora a resposta correta esteja tecnicamente adequada, o exercício reproduz uma abordagem classificatória, descontextualizada e distante das práticas discursivas reais. O comando utilizado, apesar de mencionar a BNCC, não garante que a ferramenta incorpore os princípios de análise crítica e uso significativo da língua defendidos pelo documento.

Nesse sentido, a ausência de situações comunicativas, de problematização sobre variações linguísticas e de estímulo à reflexão sobre os efeitos de sentido das escolhas

pronominais confirma que a IA, sozinha, não assegura uma proposta pedagógica alinhada às diretrizes contemporâneas. Isso reafirma a necessidade da curadoria humana, que reposiciona a atividade a partir da autoria docente, promovendo intencionalidade, criticidade e adequação didática.

Diante do que fora produzido, observamos que a IA não é dotada de carga ideológica, algo inerente do ser humano, confirmando o que Volóchinov (2018) chama de instrumento privado de significação. Ainda conforme o autor, “Os signos também são objetos únicos e, como acabamos de ver, qualquer objeto da natureza, da tecnologia ou de consumo pode se tornar um signo.” (2018, p. 93). Logo, caberia ao docente, dotar de significação a informação gerada pela IA, uma vez que a questão elaborada não leva em conta as novas abordagens de ensino de conteúdos gramaticais, atualmente exploradas por meio da análise linguística.

**Quadro 2.** Análise do exemplo 2 - Plano de aula sobre o gênero notícia.

RECURSO	Plano de aula sobre o gênero notícia.
<b>VERACIDADE DA INFORMAÇÃO</b>	O conceito de notícia está correto em termos gerais, mas a proposta ignora aspectos discursivos e sociais do gênero. Avaliação focada apenas em gramática, o que é insuficiente.
<b>ADEQUAÇÃO PEDAGÓGICA</b>	A BNCC orienta o trabalho com gêneros textuais considerando intencionalidade, público-alvo e circulação. A proposta não contempla análise de notícias reais, nem reflexão crítica sobre <i>fake news</i> ou credibilidade das fontes.
<b>CONSISTÊNCIA ESTRUTURAL</b>	Estrutura formalmente correta, mas de baixa complexidade cognitiva. A pergunta não desafia o estudante a relacionar, inferir ou analisar causas e consequências.
<b>RESPONSIVIDADE IDEOLÓGICA</b>	A atividade apresenta a notícia de forma despolitizada, sem questionar causas, responsabilidades ou impactos sociais e ambientais. Ausência de problematização sobre interesses envolvidos.
<b>NECESSIDADE DE CURADORIA</b>	Ampliar o nível da pergunta, incluindo reflexões como: “Quais fatores podem ter contribuído para esse aumento das temperaturas?” ou “Como esse dado pode influenciar políticas públicas ou ações individuais?” Inserir debate sobre fontes de informação e confiabilidade dos dados.

Fonte: Os autores (2025).

No Quadro 2, a atividade foi gerada a partir do *prompt* “Crie um plano de aula sobre o gênero notícia para turmas do 9º ano, incluindo objetivos, atividades e formas de avaliação”. Apesar de o recurso apresentar organização básica (objetivo, atividade e avaliação), a análise demonstra que a IA tratou o gênero notícia de forma superficial, desconsiderando aspectos essenciais como intencionalidade, circulação social, credibilidade das fontes e análise crítica — elementos centrais para o trabalho com gêneros discursivos na perspectiva da BNCC. A avaliação proposta, centrada exclusivamente na correção gramatical, revela o distanciamento entre o produto automatizado e o que se espera de uma prática pedagógica significativa. Logo, esses dados reforçam que a curadoria docente é indispensável para transformar esse plano em uma sequência didática crítica, dialógica e socialmente relevante.

Diante disso, podemos observar nesse exemplo, assim como em todos os outros, que o professor precisa agir como um agente de letramento (Kersch; Rabello, 2016), pois deverá transformar o plano de aula pedido em algo realmente aplicável em sala de aula para sua turma. Percebe-se que a IA não sugeriu, por exemplo, outros exemplares do gênero notícia, assim como não elaborou exercícios relacionados ao funcionamento do gênero, como estilo, conteúdo temático e estrutura composicional nem tampouco relacionado às esferas de circulação social (Bakhtin, 2016). Portanto, a IA não apresentou um plano com foco na produção de um enunciado concreto do gênero notícia.

**Quadro 3. Análise do exemplo 3 - Atividade de interpretação textual sobre mudanças climáticas.**

RECURSO	Atividade de interpretação textual sobre mudanças climáticas.
VERACIDADE DA INFORMAÇÃO	A alternativa correta (“As temperaturas globais aumentaram em 2023”) está de acordo com o trecho apresentado, mas a pergunta é superficial, limitando-se à localização de uma ideia explícita.
ADEQUAÇÃO PEDAGÓGICA	A BNCC recomenda o desenvolvimento de habilidades interpretativas, inferenciais e argumentativas. A atividade não estimula reflexão crítica nem promove a leitura para além da informação literal.
CONSISTÊNCIA ESTRUTURAL	Estrutura formalmente correta, mas de baixa complexidade cognitiva. A pergunta não desafia o estudante a relacionar, inferir ou analisar causas e consequências.
RESPONSIVIDADE IDEOLÓGICA	O plano desconsidera o papel social da notícia como formadora de opinião. Não problematiza aspectos como manipulação da informação, autoria, perspectiva ideológica e circulação midiática.
NECESSIDADE DE CURADORIA	Incluir leitura de diferentes notícias, análise de manchetes, debate sobre credibilidade das fontes e identificação de recursos linguísticos usados para influenciar o leitor. A avaliação deve ir além da correção gramatical e considerar o entendimento das características do gênero.

Fonte: Os autores (2025).

O Quadro 3 apresenta a análise da atividade gerada pelo *prompt* “Desenvolva uma atividade de interpretação textual a partir de uma notícia sobre mudanças climáticas”. Embora o exercício oferecido pela IA traga uma questão formalmente correta e bem estruturada, a análise revela que a proposta se limita à identificação da ideia explícita no texto, restringindo o trabalho interpretativo ao nível da leitura literal. A atividade não contempla habilidades inferenciais, reflexivas ou argumentativas, como orienta a BNCC para a prática de leitura nos anos finais do ensino fundamental. Além disso, a ausência de problematização sobre as causas, consequências e discursos que atravessam o tema das mudanças climáticas evidencia a falta de profundidade crítica no material gerado. Isso demonstra que a IA, sem a mediação humana, tende a oferecer recursos que reforçam a linearidade da leitura, exigindo a curadoria do professor para garantir complexidade cognitiva, análise discursiva e desenvolvimento da leitura crítica.

Posto isso, nesse exemplo, fica evidente a necessidade de uma ação autoral por parte do professor ao inserir o *prompt*, pois, a partir da resposta da IA ao que lhe fora

solicitado, caberá a este sujeito corrigir as distorções e inserir aquilo que precisará para tornar a atividade aplicável para a sala de aula. Para que a atividade tenha um valor social, uma significação e uma carga axiológica, o sujeito deverá ser levado em consideração nessa interação humano-máquina (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2018). Logo, ao analisarmos a atividade gerada pela IA, percebemos um posicionamento tradicional de ensino desvelado pelo banco de dados e resultado das escolhas do sistema para a elaboração da atividade, por isso, cabe ao professor manifestar seu projeto de dizer, para mostrar-se como autor do enunciado (Bakhtin, 2016).

**Quadro 4.** Análise do exemplo 4 - Atividade de gramática sobre conjunções

RECURSO	Atividade reflexiva sobre a relação que as conjunções estabelecem entre orações (EF09LP08).
<b>VERACIDADE DA INFORMAÇÃO</b>	A atividade está correta na identificação das conjunções e nas relações de sentido que elas estabelecem entre as orações. O exercício propõe troca de conectivos, estimulando a reflexão sobre o efeito semântico dessa substituição.
<b>ADEQUAÇÃO PEDAGÓGICA</b>	A proposta dialoga com a habilidade EF09LP08 da BNCC, pois explora não apenas a classificação das conjunções, mas também o entendimento das relações de sentido e suas implicações no texto. No entanto, permanece restrita ao nível da frase, sem conexão com gêneros textuais ou situações discursivas reais.
<b>CONSISTÊNCIA ESTRUTURAL</b>	A atividade é bem estruturada e apresenta clareza no comando das tarefas, mas poderia ganhar em complexidade ao incluir análise de conjunções em textos maiores ou em diferentes gêneros.
<b>RESPONSIVIDADE IDEOLÓGICA</b>	A atividade é neutra em termos ideológicos, pois opera no nível da frase isolada. Poderia ser enriquecida ao trazer exemplos de discursos reais, ampliando a percepção de como o uso das conjunções atua na argumentação, na construção de pontos de vista ou em estratégias persuasivas.
<b>NECESSIDADE DE CURADORIA</b>	Ampliar a proposta para análise de conjunções em textos de gêneros diversos, como editoriais, artigos de opinião, posts em redes sociais, campanhas publicitárias ou tirinhas. Estimular a reflexão sobre os efeitos de sentido das conjunções nesses contextos e sobre as intenções comunicativas que essas relações expressam.

Fonte: Os autores (2025).

No Quadro 4, a atividade foi gerada a partir do *prompt* “Gere uma atividade reflexiva sobre esta habilidade da BNCC: (EF09LP08) Identificar, em textos lidos e em produções próprias, a relação que conjunções (e locuções conjuntivas) coordenativas e subordinativas estabelecem entre as orações que conectam”. Apesar de a proposta apresentar acerto conceitual e estimular a substituição de conjunções com análise do efeito de sentido, a atividade permanece restrita ao nível da frase isolada, sem articulação com gêneros textuais concretos ou situações comunicativas reais. Essa limitação reduz a potência formativa da atividade, que poderia promover maior reflexão se explorasse o uso das conjunções em contextos discursivos diversos, como editoriais, tirinhas, blogs ou campanhas publicitárias. O dado analisado confirma que a IA pode gerar boas estruturas iniciais, mas não substitui o olhar curatorial do professor, que precisa ampliar a proposta,

inserir intencionalidade pedagógica e assegurar o alinhamento com as práticas de multiletramentos previstas pela BNCC.

À vista disso, a atividade apresentada contraria o que Bakhtin (2016) apresenta sobre o uso concreto da linguagem, uma vez que a IA apresenta uma oração isolada, criada apenas para exemplificar o que se pede no comando proposto. Logo, é possível afirmar que tal oração não se configura como enunciado concreto, pois não foi empregada em um contexto real de uso, situado no espaço e no tempo, por um sujeito falante da língua. Por isso, afirmamos que o posicionamento ideológico é neutro, porque mais uma vez cabe ao docente o papel da autoria na constituição desse enunciado, conforme Volóchinov (2018).

**Quadro 5. Análise do exemplo 5 - Sequência didática sobre coesão e coerência textual.**

RECURSO	Sequência didática sobre coesão e coerência textual.
<b>VERACIDADE DA INFORMAÇÃO</b>	A sequência apresenta conceitos corretos sobre coesão e coerência, mas limita-se à definição teórica e à prática de reescrita descontextualizada, sem aprofundar a análise discursiva.
<b>ADEQUAÇÃO PEDAGÓGICA</b>	A proposta aborda os temas previstos na BNCC, mas de forma restrita e pouco dinâmica. Faltam atividades que articulem esses conceitos com gêneros textuais concretos e com situações reais de comunicação. A sequência não explora a multimodalidade, prevista nas práticas de multiletramentos.
<b>CONSISTÊNCIA ESTRUTURAL</b>	A estrutura está organizada em aulas sequenciais (introdução, prática e produção), porém carece de atividades interativas, colaborativas e ou reflexivas que envolvam a revisão entre pares ou a análise de textos de circulação social.
<b>RESPONSIVIDADE IDEOLÓGICA</b>	A proposta ignora aspectos discursivos, ideológicos e pragmáticos da coesão e da coerência. Trata os conceitos de forma técnica, sem considerar como esses elementos atuam na construção de sentidos, argumentos ou na persuasão em diferentes esferas sociais.
<b>NECESSIDADE DE CURADORIA</b>	Incluir análise de textos multimodais (como notícias on-line, posts de redes sociais, charges, vídeos). Estimular atividades de revisão textual colaborativa, com foco na construção de sentido e na adequação dos recursos coesivos ao gênero e à situação de produção. Propor debates sobre efeitos de sentido causados por escolhas linguísticas e discursivas.

Fonte: Os autores (2025).

No Quadro 5, a sequência didática foi gerada a partir do *prompt* “Sugira uma sequência didática para o ensino de coesão e coerência textual no ensino fundamental II”. A análise revela que, embora o recurso apresente organização didática com definição de etapas, ele se limita à abordagem conceitual e à prática de reescrita, sem explorar de forma significativa a relação entre coesão, coerência e os efeitos de sentido em diferentes gêneros discursivos. O material gerado ignora a multimodalidade e não articula os conceitos com práticas reais de produção textual, como a revisão colaborativa, a análise de textos de circulação social ou a reflexão sobre escolhas linguísticas em contextos específicos. Esses resultados reforçam que a IA pode oferecer um esqueleto funcional, mas sem a mediação crítica do professor, a proposta tende a perder em profundidade, criatividade e conexão com a BNCC.

Em face do exposto no quadro 5, não há uma atenção da atividade para os aspectos culturais nem multimodais, deixando de lado os multiletramentos. Caberia então ao professor organizar a atividade conforme o endereçamento dela, como, por exemplo, criando perguntas como: para quem é? Qual é a idade dos alunos? Os exemplos foram retirados de enunciados reais? Tais ações levaria em consideração a pedagogia dos multiletramentos (Rojo; Barbosa, 2015). Além disso, reforçamos mais uma vez que a posição do professor como autor do processo se revelaria também pela sua posição crítica, contribuindo para a construção do enunciado, por intermédio da sua carga axiológica, inerente ao ser humano. Portanto, a atividade que teria uma carga ideológica neutra, passaria a ter a carga ideológica que o sujeito empregasse (Volóchinov, 2018), ao estruturar de forma adequada o gênero discursivo, levando em conta seu estilo, conteúdo temático e construção composicional (Bakhtin, 2016).

### **Considerações Finais**

O presente estudo teve como objetivo analisar o papel da curadoria de informações na elaboração de recursos pedagógicos mediados por inteligência artificial, com foco na produção de recursos para o ensino de Língua Portuguesa, compreendendo esse processo à luz da Análise Dialógica do Discurso. A partir da investigação qualitativa, de caráter exploratório, realizou-se uma análise documental de exemplos concretos, gerados por IA, demonstrando que, embora essas ferramentas sejam capazes de estruturar conteúdos com aparente correção formal, seus produtos carregam lacunas conceituais, discursivas e ideológicas que exigem mediação ativa por parte do professor.

Assim, os resultados da análise evidenciam que os recursos automatizados, quando tomados de maneira acrítica, tendem a reforçar modelos reducionistas de ensino, pautados em classificações descontextualizadas, interpretações literais e ausência de problematização sociocultural dos discursos. Esse cenário reafirma que o simples acionamento de uma inteligência artificial para a criação de atividades pedagógicas não garante, por si só, a qualidade, a pertinência e a eficácia do processo de ensino e aprendizagem. Cabe, portanto, ao docente, assumir a função de curador das informações,

responsabilizando-se pela validação, adaptação e ressignificação dos conteúdos propostos, imprimindo sua autoria e intencionalidade formativa.

Nessa perspectiva, a curadoria não se limita à verificação técnica ou à revisão superficial, mas se configura como um ato de autoria, alinhado à BNCC e às demandas de uma educação comprometida com a formação crítica dos estudantes, como orientam Rojo e Barbosa (2015). Dessa forma, o professor, ao dialogar responsivamente com os materiais gerados por IA, torna-se agente de letramento (Kersch; Rabello, 2015), capaz de promover práticas pedagógicas que estimulam a reflexão, a argumentação e a construção de sentidos a partir dos diferentes usos da linguagem em contextos reais.

Diante da ampliação do uso das tecnologias generativas no contexto educacional, destaca-se a necessidade de que as formações docentes incluam a abordagem sobre o uso ético, responsável e crítico dessas ferramentas, desenvolvendo competências de letramento informacional e curadoria digital. Assim, reforça-se a urgência de pensar a inteligência artificial não como substituta da docência, mas como uma ferramenta que, subordinada ao olhar pedagógico, pode potencializar a prática educativa sem esvaziar o lugar da autoria e da intencionalidade do professor. Ao docente, então, cabe a função de dotar de significação e valor os signos gerados pela IA, a fim de torná-los enunciados concretos (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2018).

Portanto, como caminho para pesquisas futuras, sugere-se a realização de estudos que analisem a aplicação de atividades selecionadas por docentes a partir de materiais gerados por IA, bem como investigações sobre a formação continuada de professores voltada ao desenvolvimento das competências curatorial e crítica no uso dessas tecnologias. Com isso, será possível aprofundar o debate sobre as potencialidades e os riscos da inteligência artificial no campo educacional, fortalecendo a centralidade da ação docente na construção de práticas pedagógicas éticas, dialógicas e formadoras.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017.

KERSCH, D. F.; RABELLO, K. R. “São atitudes como estas que podem fazer a diferença para uma escola melhor”: outros tempos, novos letramentos. In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. **Multiletramentos e Multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem**. Campinas: Pontes Editores, 2016.

ROJO, ROXANE; MOURA, EDUARDO [Orgs.]. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

DA SILVA, Fabiana Divina et al. Ética e integridade: condutas para produções científicas no Brasil. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4836/483660055021/html/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para a formação de professores**. Tradução de Dermeval de Sena Aires Júnior. Brasília, DF: Unesco, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/3EyTVIP>. Acesso em: 15 abr. 2025.

ZANDWAIS, A. **Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de Marxismo e filosofia da linguagem**. In.: BRAIT, B. (org). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2016.

Submetido em 30 de abril de 2025.

Aceito em 21 de junho de 2025.